

**Sánchez, Nuria**

**A civilização como destino: Kant e as formas da reflexão, Nefionline, 2016.**

**Muitos caminhos da razão à civilização**

Many Paths of Reason to Civilization

**Carlos Moisés de Oliveira**

Doutor em filosofia pela UFRN

**Resumo:** Na presente resenha exponho o pensamento de Nuria em seu livro *A civilização como destino: Kant e as formas da reflexão*, comentando os três capítulos dessa obra e demonstrando a profundidade e experiência da autora ao abordar o corpus kantiano.

**Palavras-chave:** Kant; civilização; técnica da natureza; cultura; normatividade pragmática.

**Abstract:** In this review I expose the Nuria's thinking in his book *A civilização como destino: Kant e as formas da reflexão*, commenting the three chapters of this work and demonstrating the depth and author's experience in approaching the Kantian *corpus*.

**Keywords:** Kant; civilization; nature technique; culture; pragmatic normativity.

“O espanto de Tales unicamente encontrará um final uma vez que tenha sido fundado o fato de que o mundo é captável para nós”<sup>105</sup>

---

<sup>105</sup> MADRID, Nuria Sánchez. *A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão*. Florianópolis: Nefionline, 2016, pp. 29.

Um texto encerra em si uma série infindável de possibilidades, no entanto, tal afirmação incide em um lugar comum, sem a devida clarificação. Para ter acesso a esses muitos caminhos, a esses rumos, é necessário por parte do intérprete, por parte daquele que busca acessar esses plurais significados, uma abissal profundidade, pois os caminhos que ali estão – no texto – não se desvelam de forma simples, há que se buscar o estudo para ampliar cada vez mais a capacidade de penetrar as estruturas de significado do mundo, do “*logos*, a nossa única pátria legítima”<sup>106</sup>, ou seja, é necessário erudição, e não apenas isso, mas, principalmente, empreender essa reconstrução simbólica sem macular a construção simbólica erigida pelo autor, ou melhor, propor novos rumos interpretativos sem estabelecer contradição com o autor estudado e adequando-o aos novos paradigmas que a atual discussão filosófica está inserida.

Nuria Sánchez Madrid, ao propor esse livro (a civilização como destino: Kant e as formas da reflexão), necessariamente demonstra quão sofisticada é sua capacidade de apercepção da estruturação racional empreendida por Kant. A autora nos convida a buscar entendimentos profundos na análise do texto kantiano, significados que apenas surgem – evidentemente – por sua erudição e dedicação ao *corpus* textual deste pensador.

A profundidade não é o único elemento afirmativo do estilo de Nuria, mas também a sua característica prosa. Se o conhecimento serve ao encantamento, o texto da autora nos encanta não apenas pelo valor estético profundo que apresenta, pois nos convoca a formular os intrincados sentidos e níveis de sua argumentação, nos levando, por intermédio da compreensão de seus argumentos, a um prazer, talvez o mais altaneiro, a saber, a atribuição de sentido, o uso mais elevado de nossa razão.

Esse encantamento igualmente nos chega pelo viés hermenêutico de seus argumentos, estabelecendo de forma clara e patente a destinação do homem como resultado do desenvolvimento da razão em uma perspectiva histórica, mas, esse mote representa apenas o grosso de sua perspectiva, porquanto, em

---

<sup>106</sup> MADRID, Nuria Sánchez. A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão. Florianópolis: Nefiponline, 2016, pp. 47.

seu texto, Nuria nos leva a caminhos pouco explorados dentro da tradição interpretativa do pensamento de Kant, trabalhando esses temas com tal apetrechamento de suas partes que, ao avançarmos na leitura, somos tomados pela euforia da descoberta e da indelével beleza proveniente de sua interpretação.

A civilização como destino contribui substancialmente com a ampliação hermenêutica kantiana que vem ocorrendo nas últimas décadas, uma vez que não se resume a uma interpretação centrada exclusivamente em um elemento ou conceito, mas privilegia um olhar sistêmico, tal como preconiza a crítica do juízo de 1790 (KU), nessa perspectiva, a autora busca analisar os elementos epistemológicos, deontológicos e teleológicos sob a perspectiva histórica do desenvolvimento da razão em correlação com a natureza e seus muitos produtos. Para compreendermos melhor a sua interpretação, se faz necessário um breve paralelo com a construção kantiana no que tange a relação entre razão, moral e história.

Kant, ao estabelecer à razão uma destinação própria<sup>107</sup>: “a ideia de uma outra e mais digna intenção da existência, à qual, e não a felicidade, a razão muito especialmente se destina”<sup>108</sup>, garante que ela é também prática, o que significa afirmar a possibilidade de uma moral racional que desvela sua progressão historicamente, o que nos permite tomar ciência de um fio condutor (*Leitfaden*) que tende ao aperfeiçoamento do homem (espécie) rumo ao soberano bem.

Se somos seres que buscam o aperfeiçoamento<sup>109</sup>, então devemos pensar que estamos em um processo histórico mediado pela razão, o que nos oportuniza concluir uma ampliação do seu raio de abrangência para questões morais, políticas, estéticas etc., portanto, ao estabelecermos um fim último como elemento regulativo, admitimos muitos caminhos de interpretação, alguns dos quais são abordados no texto de Nuria, em especial a civilização como *locus* necessário para o desenvolvimento da plena racionalidade, moralidade e destinação da espécie.

<sup>107</sup> GMS AA 04; 396.

<sup>108</sup> GMS AA 04; 396.

<sup>109</sup> IaG AA 08; 17-18.

A civilização, na acepção Kantiana, é um produto da razão<sup>110</sup>, bem como todos os elementos que a constituem e a aperfeiçoam, sejam eles conhecidos ou não, antropológicamente relevantes ou não<sup>111</sup>; nesse sentido, Nuria, ao abordar temas como a técnica da natureza, cultura, educação, diferença social e a sociabilidade como aprendizagem da coação, não trata exatamente de uma virada hermenêutica, já que isso significaria uma mudança de foco, ou seja, tratar o mesmo sobre outro prisma, mas de uma ampliação hermenêutica, visto que aporta elementos que eram anteriormente negligenciados pela literatura que versa sobre o pensamento de Kant, incorporando-os em um trato sistêmico.

Para demonstrar essa sutil diferença é factível, tão somente, nos apercebermos de que muitos estudiosos, nos últimos anos, centraram-se tão somente no argumento teleológico ou nas questões de história, lidando com esses tópicos em separado do sistema, assim como outrora dispensaram o mesmo tratamento à epistemologia. Nuria, no entanto, trabalha na perspectiva de expansão hermenêutica do *corpus* Kantiano, isto é, não se detém apenas a temas consolidados na tradição que devem ser revisitados, mas sua interpretação acrescenta problemas negligenciados ou compreendidos apenas como uma ‘sabedoria de mundo’.

Kant, no Prefácio da GMS<sup>112</sup>, em algumas passagens emprega *Weltweisheit* para referir-se à filosofia, procedimento muito utilizado entre os séculos XVII e XVIII. Esse termo apresentou inicialmente o significado de ‘sabedoria terrena’ ou ‘sabedoria do mundo’, o que designava uma patente oposição ao conhecimento divino, posteriormente *Weltweisheit* perde essa significação e passa a ser utilizado como o correlato em alemão para *philosophia*.

Esse termo, na GMS, não foi utilizado meramente como sinônimo de filosofia, mas resguardava um significado mais próximo do original. Percebamos que a proposta da fundamen-

<sup>110</sup> Zef AA 08; 349.

<sup>111</sup> IaG AA 08; 17-18.

<sup>112</sup> AA 04; 388.

tação moral kantiana é apresentar uma transposição do conhecimento racional moral comum para o conhecimento filosófico, da filosofia moral popular para a Metafísica dos Costumes e da Metafísica para a Crítica da Razão Pura Prática, em síntese, de uma sabedoria terrena como correlato do senso comum para uma especulação em mais alto grau, isto é, o saber e o fazer puramente filosófico. Nas palavras de Kant:

Mas, por um lado, aquela não é como esta de extrema necessidade, porque a razão humana no campo moral, mesmo no caso do mais vulgar entendimento, pode ser facilmente levada a um alto grau de justiça e desenvolvimento, enquanto que, pelo contrário, no uso teórico, mas, puro, ela é extremamente dialética [...]<sup>113</sup>.

Tomando como exemplo o método de Kant para o estudo da moralidade na GMS, podemos certamente colocar que, na verdade, não há uma oposição entre o estudo das questões no raio de abrangência da *Weltweisheit* com o fazer mais elevado da filosofia, mas uma complementaridade, haja vista que o pensamento comum se liga à especulação em mais alto grau, como momentos que se interconectam e se realizam em graus diferentes de profundidade e análise de seus argumentos.

Portanto, é nessa perspectiva que os temas abordados na civilização como destino partem, em sua maioria, de questões relevantes para qualquer sociedade e alcançam os recônditos e as sutilezas da razão, isto é, não é necessariamente como se pensa sobre determinado objeto, mas as possibilidades de pensá-lo até os limites da razão. Nesse sentido, Nuria consegue estabelecer argutamente esse caminho, partindo de temas não costumeiros, porém sem lançar mão do rigorismo kantiano, estabelecendo os temas abordados como ampliação hermenêutica desse mesmo sistema, marcando indelevelmente a plasticidade que brinca com os limites da razão. Com essa conclusão, oriunda da relação entre a interpretação de Nuria e o pensamento de Kant, podemos compreender em melhores bases os capítulos e os artigos da civilização como destino: Kant e as formas da reflexão.

---

<sup>113</sup> GMS AA 04; 391.

O livro está dividido em três capítulos. O primeiro aborda as formas da reflexão e a genealogia da ordem, o segundo, os paradoxos da cultura: educação, consciência e diferença sexual, o terceiro, os alicerces da civilização: a sociabilidade como aprendizagem da coação. Cada capítulo está dividido em três artigos, que se conectam e nos orientam a uma leitura global da interpretação proposta nesta obra.

No primeiro capítulo a técnica da natureza bosqueja protagonismo, tendo em vista que em 2011, Nuria publica: *la Primera Introducción de la Crítica del Juicio y la catábasis reflexiva de la Lógica trascendental*, texto que nos ajuda a compreender que o juízo faz da técnica da natureza o princípio *a priori* de sua reflexão, bem como analisa pormenorizadamente a ligação entre poética da natureza e poética da arte, porquanto orientadas pela faculdade de julgar reflexionante.

Essas conclusões representam a chave do segredo para tratarmos com mais substância a relação entre técnica, arte, tom, música e à metodologia do gosto, abordados na civilização como destino, já que a razão reflexionante pode alcançar os limites do domínio racional, o que nos permite pensar e incorporar, para além do puramente racional, os sentimentos. Nuria, acerca desta questão, afirma:

Mas muito mais inabitual seria pôr em conexão a consecução dos fins da civilidade com estados de ânimo sentimentais que confirmam o que W. Wieland, até certo ponto como uma voz que clama no deserto, chamou de reabilitação do sentimento na filosofia crítica ou a priori emocional[...]<sup>114</sup>

A reabilitação do sentimento na filosofia crítica significa a unificação entre o emocional e o transcendental no pensamento de Kant, permitindo, segundo a autora, tematizar, dentre outras questões, o surgimento da consciência e a coesão social como processo de educação para os fins da espécie: Ao que acrescenta:

[...] os trabalhos apresentados (neste livro, *grifo nosso*) não pertencem exclusivamente ao campo da filosofia prática, mas

<sup>114</sup> MADRID, Nuria Sánchez. A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão. Florianópolis: Nefiponline, 2016, pp. 21.

encontram-se no quadrívio em que se cruzam os caminhos da antropologia, da filosofia moral, da filosofia da história e da estética, talvez o conjunto dessas trilhas compõem a única imagem do ser humano aceitável [...].<sup>115</sup>

Esse trecho enfatiza a característica capacidade humana da reflexão para além das formas que se deixam capturar por um esquema puramente lógico, é neste sentido que a reflexão, que depreendemos do *corpus* kantiano, está situada no quadrívio, pois compreende e busca significado também em elemento estéticos que simbolizam o sentimento na filosófica crítica, ajudando a compor a única imagem do homem aceitável para um filósofo transcendental<sup>116</sup>.

Em suma, esse capítulo nos entrega a particular compreensão da caracterização do humano em caminhos pouco explorado na obra de Kant. O capítulo sobre as formas de reflexão e a genealogia da ordem, aborda “a função rítmica que a faculdade de reflexão possui nas decisões que a razão crítica tem que tomar frente aos problemas que a assediam constantemente”<sup>117</sup>, temática essencial para facilitar o entendimento do segundo capítulo, que desenvolverá o resultado dessa crítica na cristalização da consciência como fenômenos sociais.

No segundo capítulo, o artigo que versa sobre os obstáculos da natureza aos obstáculos da razão: uma leitura das preleções da pedagogia em seis passos, nos remete à importância da educação, não apenas como elemento de desenvolvimento individual e/ou da espécie, mas como elemento flexor para pensarmos questões da antropologia, como também do corpo, do desejo e da razão. Nuria acrescenta:

As preleções *Über Pädagogik* mostram a importante função que a reflexão educativa kantiana desempenha no interior da Antropologia prática [...] o leitor depara-se com uma consciência madura sobre a necessidade de que o homem seja

<sup>115</sup> MADRID, Nuria Sánchez. *A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão*. Florianópolis: Nefiponline, 2016, pp. 22.

<sup>116</sup> MADRID, Nuria Sánchez. *A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão*. Florianópolis: Nefiponline, 2016, pp. 22.

<sup>117</sup> MADRID, Nuria Sánchez. *A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão*. Florianópolis: Nefiponline, 2016, pp. 23.

responsável por sua própria destinação, o que quer dizer primeiramente que ele não poderá abandonar nas mãos da natureza o desenvolvimento das próprias disposições, mas deverá responsabilizar-se desse processo para contribuir ao progresso delas, sem deixar de ter ao mesmo tempo consciência das dificuldades objetivas para levar a cumprimento tal intuito [...] <sup>118</sup>.

A citação demonstra que o progresso da cultura é possível mediante o acúmulo e transição do conhecimento de uma geração a outra por intermédio da educação, movimento que proporciona a formação e ampliação da consciência e lança as bases para o argumento kantiano do desenvolvimento dos talentos, nesse sentido, a razão busca levar o homem a novos estágios de progresso em um ciclo ininterrupto, tendo como objetivo a paz perpétua. Sobre essa questão Nahra acrescenta:

Uma afirmação semelhante aparece na Ideia de uma História Universal de um ponto de vista cosmopolita (AA 08 19) quando na segunda proposição afirma Kant que no homem (como única criatura racional sobre a terra) as disposições naturais que visam o uso da sua razão devem desenvolver-se integralmente só na espécie e não no indivíduo. A razão disto, afirma Kant na sequência, é que a razão precisa de exercício e aprendizagem para avançar de um estágio de conhecimento para outro, e assim sendo cada homem teria de viver um tempo incomensuravelmente longo para aprender como deveria usar com perfeição todas as suas disposições naturais, e se a natureza estabeleceu um breve espaço de tempo para nossas vidas é necessário uma série incontável de gerações, das quais uma transmite as outras o seu conhecimento, para que seu germe, inscrito na nossa espécie, alcance o estágio de desenvolvimento adequado a sua intenção [...] <sup>119</sup>

As disposições naturais do ser humano devem se desenvolver completamente apenas na espécie, diferentemente das criaturas governadas pelo instinto que alcançam sua destinação no curso da sua existência. O homem, pelo fato da razão se apresentar como uma força capaz de ampliar seus propósitos

---

<sup>118</sup> MADRID, Nuria Sánchez. A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão. Florianópolis: Nefiponline, 2016, pp. 113.

<sup>119</sup> NAHRA, Cinara M. L. Sobre o aperfeiçoamento moral da espécie humana, In contextos kantianos, V.1 pp. 49.



para além da circunscrição natural do instinto, carece de gerações (quase infinitas) para alcançar sua destinação.

Kant é bem claro ao afirmar os motivos pelo quais o homem precisa de gerações indefinidas para progredir<sup>120</sup>, seriam elas, primeiro, a necessidade de alcançar a destinação da espécie humana por intermédio do desenvolvimento dos talentos, nesse sentido, um indivíduo precisaria de uma vida muito longa para desenvolver todas essas aptidões; segundo, como não é possível ao indivíduo explorar todas as suas aptidões, pois a natureza escolheu dotá-lo com poucos anos de vida, deve escolher algumas, porém, mesmo centrando-se em poucas, são necessárias décadas para amadurecer esses talentos e contribuir para o progresso da humanidade.

Como exemplo podemos utilizar o impulso à cultura e à ciência, cuja perspectiva histórica nos mostra a contribuição de vários indivíduos para o avanço dessas áreas; assim podemos também verificar o avanço dos outros talentos da espécie humana, bem como o gradativo e lento desenvolvimento moral que culminará em um estado de plena e ininterrupta concórdia.

O argumento prossegue detalhando os obstáculos da natureza humana e da razão mediados pela liberdade, assim como a definição de um conceito de direito como ferramenta do limite social, do desenvolvimento dos talentos e da coação física dos espaços da sociedade, como propedêuticos a aquisição do sentimento de respeito e moralidade.

No segundo capítulo fomos apresentados ao caminho da cristalização da consciência, sua formação, desenvolvimento e finalidade, possíveis de entrever pelos fenômenos da educação e cultura que ensejam a tensão entre moralidade e maturidade biológica, que são os alicerces da civilização e nos conectam ao último capítulo.

No terceiro capítulo, a autora nos direciona a uma interessante reflexão sobre a antropologia política kantiana, analisando-a com os ganhos obtidos nos primeiros capítulos, isto é, por intermédio da função rítmica que a faculdade de reflexão

---

<sup>120</sup> IaG AA 08:19 e Anth AA 07:326.

possui nas decisões que a razão tem de tomar frente aos problemas e a formação da consciência, todavia, apesar dessa ligação, o terceiro capítulo apresenta uma lógica interna que consiste na ligação entre três momentos, a normatividade pragmática, a sociedade civil e os fundamentos da obediência, para demonstrar a sociabilidade como aprendizagem da coação.

No tocante a antropologia política, neste capítulo, seremos informados de seu objetivo principal, a saber: “diferentemente da instabilidade da vida animal, os seres humanos sofrem uma evolução que aproxima a espécie humana da destinação moral”<sup>121</sup>, portanto, a espécie apresenta uma conduta pragmática ao nos relacionarmos ou a necessidade de regras básicas de coexistência (direito e prudência), sem as quais um projeto de sociedade é inviável, quer nos objetivos entrevistos nesse nicho como também para a realização dos fins da razão.

Se a especulação acerca do dever recai sobre uma metafísica dos costumes, então a percepção e tematização de como as coisas acontecem, recai sobre a antropologia, questão que apresenta algumas dificuldades, por exemplo a necessidade de explicar a passagem de um momento a outro para salvaguardar a possibilidade da moralidade. Consciente desse ponto a autora dividiu a análise da antropologia em três momentos, primeiro, até que ponto o leitor pode pensar a antropologia autonomamente e estabelecê-la fora dos limites da moral kantiana, segundo, reconstruir um discurso relativo a prudência, terceiro, apresentar os traços empíricos do ser humano, objetivando superar os limites da antropologia fenomênica.

A tese que pretende ser demonstrada nessa análise, afirma que: “as lições de antropologia de Kant evidenciam certa evolução, que conduz a uma consciência crescente do significado e limite da normatividade pragmática”<sup>122</sup>, ou seja, esse crescente nas lições de antropologia se destina a uma necessária conclusão sobre a especificação das condições empíricas a apli-

---

<sup>121</sup> MADRID, Nuria Sánchez. A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão. Florianópolis: Nefiponline, 2016, pp. 22.

<sup>122</sup> MADRID, Nuria Sánchez. A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão. Florianópolis: Nefiponline, 2016, pp. 193.

cação dos princípios morais. Em síntese, somos instados pelo argumento a concluir uma busca pela dimensão social do conhecimento, o que resulta na afirmação da capacidade humana no cumprimento da lei moral, mas não apenas isso, também estabelece uma garantia de acesso a influência para a realização desta lei, pelo coação (direito), pelo respeito, visto que a pura formalidade do dever não representa uma força motriz da lei moral, ao que a autora acrescenta:

[...] a antropologia providencia a lei moral a consciência das características empíricas da conduta humana, o que inevitavelmente acontece em um contexto social e é influenciado por razões psicológicas.<sup>123</sup>

A citação coloca em foco a relação entre antropologia e moral e expõe o significado da normatividade pragmática, contudo, cabe explicar que esse caráter pragmático orienta os fins em geral, mas nunca os fins morais, no entanto, ela nos oferece informações essenciais para entender e superar os problemas para a realização da lei moral, ou melhor, ela pode propiciar os fundamentos pedagógicos para uma educação moral segundo um viés cosmopolita e uma coação social por intermédio do direito como passo necessário, mas provisório no sentido da pura moralidade.

Ao longo do artigo sobre a normatividade pragmática, seremos apresentados a inúmeros argumentos que sustentam a ligação entre a ética e a antropologia. Esses ganhos são essenciais para entendermos o artigo subsequente, que na verdade apresentará alguns elementos da prudência, passíveis de análise, pois a normatividade pragmática já foi suficientemente demonstrada.

No artigo sobre *Decorum* e sociedade civil, a autora explica algumas regras de prudência basilar a formação e desenvolvimento da civilização por intermédio do diálogo entre Kant, B. Gracián e CHR. Thomasius.

O argumento tem início com a afirmação que Kant, no que concerne o processo civilizatório, estabelece uma pedago-

---

<sup>123</sup> MADRID, Nuria Sánchez. A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão. Florianópolis: Nefiponline, 2016, pp. 194.

gia moral que tenciona por meio da educação, boa receptividade aos princípios morais ou processo gradativo de educação e posterior moralização dos povos. Com essa breve introdução somos conectados ao pensamento de Christian Thomasius, que segundo a autora resulta:

[...] de uma ampliação da noção de razão, ciente do caminho até a verdade precisar conferir as perspectivas dos múltiplos sujeitos, tornando central a conveniência de os homens conferirem as suas posições, prestarem reciprocamente contas das ações realizadas e ganharem consciência da interdependência na qual se desenvolve a razão de cada um deles.<sup>124</sup>

A noção de ampliação da razão é de suma importância, pois dela podemos pensar o *decorum* como uma arte de comunicação derivada da ética de uma comunidade religiosa (intrínseca) e a de uma comunidade política (pública), no tocante a necessidade da junção dos elementos da ética intrínseca e pública para a consecução dos fins do *Justum*. É precisamente nesse ponto que o pensamento de Thomasius toca o pensamento do jesuíta Baltasar Gracián, claro que resguardando as particularidades de sua obra, principalmente as conclusões a respeito das boas maneiras.

O restante do artigo atestará o caminho da aquisição indireta de fonte barroca da normatividade prática empreendida por Kant, por intermédio da análise da função benéfica que os homens têm de ocultar os próprios pensamentos uns dos outros<sup>125</sup>, o que seria compreendido como destreza social: “a propensão a mentir se tornaria um meio tão insólito quanto imprevisto par ascender à esfera da moralidade”<sup>126</sup>.

Essa propensão a mentira faz uso da pressuposição teleológica sobre a infalibilidade da natureza, ao afirmar “que tudo que vem dela, deve conter uma disposição para bons fins”<sup>127</sup>,

<sup>124</sup> MADRID, Nuria Sánchez. A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão. Florianópolis: Nefiponline, 2016, pp. 218.

<sup>125</sup> KrV, A 748/B 776.

<sup>126</sup> MADRID, Nuria Sánchez. A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão. Florianópolis: Nefiponline, 2016, pp. 219.

<sup>127</sup> KrV, A 748/B 776.

mesmo quando os homens tomam uma aparência que lhe seja mais vantajosa, pois ao procederem assim estão não apenas civilizando-se, mas, resguardadas as devidas sutilezas e pelo fato da ação por dever está envolta em incognoscibilidade, moralizando-se. Os homens encontram nesse tipo de prática exemplos para serem mensurados e servirem de modelo. Acerca dessa temática Kant acrescenta:

Não se poderia também prestar pior serviço à moralidade do que querer extrai-la de exemplos. Pois cada exemplo que me seja apresentado tem de ser primeiro julgado segundo os princípios da moralidade para se saber se é digno de servir de exemplo original, isto é, de modelo; mas de modo nenhum pode ele dar o supremo conceito dela. Mesmo o Santo do evangelho tem primeiro que ser comparado com o nosso ideal de perfeição moral antes de o reconhecermos como tal [...] <sup>128</sup>

O exemplo obviamente não formata a moralidade, mas como somos incapazes de perscrutar os móbeis mais íntimos da ação, podemos, apenas sobre essa prerrogativa, utilizá-la como exemplo e como medida de aperfeiçoamento. Assim, é fatível concluir que devemos evitar o isolamento e buscar desenvolver as perfeições morais no âmbito social, pois, somente nessa esfera existe a possibilidade de disciplinar as inclinações egoístas, pois para o bem viver em grupo, somos constantemente instados a reconhecer a prioridade deste em detrimento dos interesses próprios.

A arte da prudência é tratada, segunda a interpretação da autora, como uma arte complementar a moralidade, ou seja, nesse ponto, acontece a retomada dos ganhos precedentes a esse capítulo no que respeita a relação entre antropologia e ética kantiana, bem como introduz a ligação com o capítulo sobre os fundamentos da obediência, uma vez que mesmo sobre enfoques particulares, esses capítulos abordam a normatividade prática como auxiliar ao projeto de moralidade kantiana.

O terceiro artigo, Kant e Freud sobre os fundamentos da obediência, aborda a formação do superego a partir das ideias de Kant. Notadamente na KrV<sup>129</sup>, quando o autor apresenta sua

<sup>128</sup> GMS, AA; 29,30.

<sup>129</sup> KrV, B1.

perspectiva epistemológica, ligando a origem do conhecimento a uma estrutura *a priori*, que categoriza o conhecimento em conceitos, certamente abre caminho para Freud, pois consegue demonstrar a necessidade e a junção de um elemento sensível a um transcendental, ao que Sandler comenta:

[...] Sigmund Freud ter reunido de modo prático algumas entre as mais profundas e centrais contribuições de Platão e Kant para se aproximar da realidade humana. O movimento psicanalítico nasce imbuído de – e deve seu próprio nascimento a – uma série de contribuições de Kant [...] Kant dividiu, como Platão e Spinoza a necessidade de perceber que o espectro perceptual humano ia além dos sentidos [...] <sup>130</sup>

A citação afirma a importância da contribuição kantiana para o pensamento de Freud, essa contribuição nos comunica dois polos de realidade no sujeito, isto é, um sensível, que busca e se aproxima do prazer e se afasta de tudo que lhe causa dor e um racional, conectado com a moralidade. A faceta sensível busca apenas o aprazível, já a parte transcendental é guiada pela razão pura prática e combate a instintiva inclinação, mas, também garante a possibilidade de racionalmente estabelecermos, mudarmos e reorientarmos nossas ações.

A luta dessas esferas no sujeito é nomeada por Kant de dialética natural e corresponde ao resultado: “do contrapeso contra todos os mandamentos do dever que a razão lhe representa como tão dignos de respeito: são suas necessidades e inclinações, cuja total satisfação ele resume sob o nome de felicidade”<sup>131</sup>. É claro que a dialética natural é um esquema traçado por Kant que dialoga com os elementos que exercem influência sobre a vontade na aquisição da máxima que guiará a ação, mas claramente demonstra semelhanças a psique humana segundo Freud.

O Id, o Ego e Superego são os elementos que compõem a psique humana segundo a teoria freudiana da personalidade. Cada um desses elementos desempenha um papel ‘transcendental’ na deliberação de uma ação; o Id representa o com-

<sup>130</sup> SANDLER, Paulo César. As Origens da Psicanálise na Obra de Kant. Rio de Janeiro: Imago. 2000, pp. 23.

<sup>131</sup> GMS, AA; 23

ponente inato e portanto instintivo dos homens, o Ego se desenvolve pela cultura e desempenha o papel de regulador dos desejos para ser adequado ao meio social, é o contraponto do Id, pois promove o equilíbrio da psique, já o superego consiste na representação dos valores morais e culturais, agindo como suporte do Ego no que concerne ao campo da moralidade.

Resguardadas as devidas particularidades, podemos comparar a dialética natural a estrutura da psíquica humana e perceber a influência de Kant no pensamento de Freud, em especial o conceito de superego.

O argumento prossegue e promove uma analogia entre o Começo Conjuntural da História Humana com o texto de Freud, o Mal-Estar na Civilização, estabelecendo uma oposição entre o sujeito e a possibilidade de sociedade e os elementos de ligação entre esses dois grandes pensadores, arremate que possibilita a conexão entre os artigos do terceiro capítulo e concluindo a linha de análise da autora.

Diante do exposto, a civilização como destino é uma compilação do pensamento da autora sobre diversos temas, uma compilação de alguns artigos já publicados e outros inéditos, mas que dialogam e dão continuidade a sua linha de exegese. O texto nos cativa não somente por sua patente profundidade como pelo valor estético de sua argumentação, tornando esse livro necessário, não apenas para os estudiosos das questões kantianas, mas, para aqueles que iniciam sua jornada rumo à *Aufklärung*.

## Referências:

Primárias

KANT, I. À Paz Perpétua e outros opúsculos. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.

\_\_\_\_\_. Antropologie in Pragmatischer Hinsicht. Reclan, 2016.

\_\_\_\_\_. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Tradução Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Reclan, 2016.

\_\_\_\_\_. Fundamentação da Metafísica dos costumes. Tradução Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Discurso Editorial: Barcarolla, 2009.

- \_\_\_\_\_. Grundlegung zur Metaphysik der Sitten. Herausgegeben und erläutert von J. H. Von Kirchmann. Berlin, 1870.
- \_\_\_\_\_. Kritik der Reinen Vernunft. Darmstadt: WBD, 1998.
- \_\_\_\_\_. Kritik der Urteilskraft. Darmstadt: WBD, 1998.
- \_\_\_\_\_. Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. Tradução Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.b.
- \_\_\_\_\_. Zum Ewigen Frieden. Herausgegeben und erläutert von J. H. Von Kirchmann. Königsberg, 1795.

### Secundárias

- DEL LÚJAN, Di Sanza, Silvia. Arte y naturaleza: El concepto de “Técnica de la naturaleza” En la Kritik der Urteilskraft de Kant – 1ª ed. – Buenos Aires: Del Signo, 2010.
- MADRID, Nuria Sánchez. A civilização como Destino: Kant e as Formas da Reflexão. Florianópolis: Nefiponline, 2016.
- \_\_\_\_\_. Contingencia y trascendentalidade: la primeira introducción de la crítica del juicio y la catábasis reflexiva de la Lógica trascendental. España: Escolar y Mayi Editores S.L. 2011.
- NAHRA, Cinara. O uso do princípio teleológico dos seres vivos na filosofia moral de Kant. Kant e-prints. Campinas, série 2, v.4, n.2, p. 297-306, jul-dez, 2009.
- NAHRA, Cinara. Sobre o aperfeiçoamento moral como destino da espécie humana, in: COM-TEXTOS KANTIANOS. International journal of philosophy, n1, junio 2015, pp.46-56, ISSN: 2386-7655, doi: 10.5281/zenodo.18504.
- NAHRA, Cinara. Uma introdução à filosofia moral de Kant. Natal/RN: EDUFRN – Editora UFRN, 2008.
- PAVIANI, Jayme. Filosofia, Ética e educação de Platão a Merleau-Ponty. Conjectura, v. 17, n. 1, p. 241-245, jan./abr. 2012.
- SANDLER, Paulo César. As Origens da Psicanálise na Obra de Kant. Rio de Janeiro: Imago. 2000.